

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

Elisa Villaça Campanario

O arquétipo materno sob a luz da psicologia analítica de C.G. Jung

Monografia apresentada ao Departamento de
Psicologia da Universidade Federal de São
Carlos como requisito parcial para obtenção do
grau de bacharel em psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo C.P. Câmara

São Carlos, SP
Fevereiro de 2024

Agradecimentos

Ao meu orientador Leonardo Câmara, pela sabedoria contagiante e pela paciência nessa longa jornada, mesmo nos períodos de escassez. À minha querida amiga Heloísa, que é como um sol Nascente a iluminar minhas ideias, pelo acolhimento e incentivo quando tudo parecia escuro. Ao meu querido amigo Sebastian, pelas trocas, dicas e pelo incentivo em continuar estudando a psicologia analítica de Jung, que também é de seu grande interesse. Vocês contribuíram para que, com muito custo, algumas lágrimas e alguns sorrisos, esse trabalho finalmente ficasse pronto, e por isso sou muito grata.

Resumo

A psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, tem algumas de suas bases na psicanálise, mas criou uma vereda própria ao explorar conceitos como o inconsciente coletivo, os arquétipos e o simbolismo, temas que são investigados neste trabalho. O estudo desses temas nesta monografia toma como enfoque o arquétipo materno, justamente pelo significado simbólico de criação, morte e renascimento, e também porque mãe todo mundo tem. Considerando, então, que a experiência da maternidade existe universalmente, representada pelas nossas próprias mães e essencialmente internalizada em todos nós, a relevância deste tema é considerável. Para ilustrar a abrangência do arquétipo escolhido, o texto passa pelo mito de Deméter e Perséfone, que ilustra bem as potências e ambivalências do mesmo, tomando como metáfora os ciclos da natureza, que regem, além de nossas vidas, a agricultura. Assim, esta monografia observa como a força dos conceitos estudados por Jung nos atravessam enquanto seres humanos, desde nossos primórdios até os dias de hoje e continuará afetando enquanto houver humanidade.

Palavras-chave: arquétipo; arquétipo materno; inconsciente coletivo; simbolismo; psicologia analítica.

Abstract

The analytic psychology, developed by Carl Gustav Jung has some of its basis on psychoanalysis, but created a way of its own by exploring some concepts like the collective unconscious, the archetypes and symbolism, themes that are investigated in this paperwork. The study of these themes in this monography takes as a focus the mother archetype, precisely because of the symbolic meaning of creation, death and rebirth and also because everybody has a mother. Considering, then, that the maternity experience exists universally, represented by our own mothers and essentially internalized in everyone of us, the relevance of the theme is considerable. To illustrate the coverage of the chosen archetype, the text passes by Demeter and Persephone's myth, which illustrates well the powers and ambivalences of such, taking as a metaphor the nature cycles, that govern, beyond our lives, the agriculture. Thereby, this monography observes how the force of the concepts studied by Jung crosses us as humans, since our beginnings until today and will continue to affect while there is humanity.

Key words: archetype; mother archetype; collective unconscious; symbolism; analytic psychology

“Drão, o amor da gente é como um grão
Uma semente de ilusão
Tem que morrer pra germinar
Plantar n'algum lugar
Ressuscitar no chão nossa semeadura”

Gilberto Gil

Sumário

1. Introdução	3
2. O Conceito de Arquétipo	4
3. Simbolismo	7
4. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo	9
5. O Arquétipo Materno e seus Complexos	12
6. O mito de Deméter e Perséfone	16
7. Considerações Finais	19
Referências	20

1. Introdução

Este trabalho nasce do interesse sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung (Suíça, 1875 - Suíça, 1961) em especial seu aprofundado estudo sobre os arquétipos, essas “formas primordiais” que habitam nossos inconscientes, tanto o coletivo como o individual. Sendo parte da estrutura da nossa psique, os arquétipos são possibilidades de manifestação simbólica, ou seja, fazem parte da nossa estrutura humana enquanto um poder vir a ser, considerando a maleabilidade de suas manifestações. Esse simbolismo carrega entendimentos basais sobre a vida humana e os mistérios do mundo. O enfoque no arquétipo materno se dá justamente pelo seu significado simbólico de criação, morte e renascimento, e também porque mãe todo mundo tem.

Além disso, sendo a psique o principal objeto de estudo da psicologia, há que se considerar o contexto e as influências externas, remotas e inconscientes que atuam no desenvolvimento do nosso psiquismo, sendo o arquétipo materno um grande pano de fundo sobre o qual se desenrolam nosso crescimento e relações. Assim, para estudar o arquétipo materno, o presente trabalho abordará alguns conceitos básicos de Jung, como arquétipo, simbolismo, inconsciente coletivo e complexos. Para exemplificar a potente influência dos arquétipos (em especial o materno) na vida humana desde tempos incontáveis, partiremos do mito grego de Deméter e Perséfone.

2. O Conceito de Arquétipo

O conceito de arquétipo é fundamental na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e está intimamente relacionado com a ideia de inconsciente coletivo. Embora muitos atribuam a Jung a criação do conceito de “arquétipo”, sua origem remonta a tempos muito anteriores e a localidades diversas, talvez justamente por ser fruto do inconsciente coletivo. De qualquer forma, o estudo aprofundado acerca dos arquétipos, do inconsciente coletivo e do universo que os cerca, é uma marca no trabalho de Jung que o diferencia da psicanálise como existia até então, abrindo espaço para a psicologia analítica, que ele próprio fundou (Bonfatti et al., 2018). Após passar muitos anos referindo-se a “dominantes do inconsciente coletivo” e “imagens primordiais”, o autor passa a utilizar a palavra “arquétipo” a partir de 1927 (Jolande, 1957/2016).

Influenciado pelas ideias de Platão e Kant, Jung (1959/2014) explica que a expressão "arquétipo" já existia na Antiguidade e era sinônimo de "ideia" no sentido platônico. Havia, aqui, algo como uma noção rudimentar do que veio a se transformar, em grande parte por causa da teoria junguiana, no conceito de arquétipo que usamos atualmente. Da filosofia kantiana, Jung adota a noção de que a estrutura individual inata da psique pré-consciente e inconsciente é um fator apriorístico em todas as atividades humanas. Esses conceitos filosóficos que consideram que há algo dado no humano são aprofundados por Jung no desenvolvimento de sua teoria dos arquétipos, considerando que esses fatores influenciam instintivamente nossa maneira de viver.

Para a compreensão deste conceito, é importante o entendimento de que todos os animais possuem uma psique pré-formada, característica de sua espécie. O humano também tem a sua própria. Da mesma forma acontece com as “imagens primordiais” ou arquétipos, uma vez que, como traz Jung (1959/2014), grande parte do que é psíquico é pré-formado. Sendo então o arquétipo uma condição estrutural da psique, é possível dizer que os arquétipos são, de certa maneira, uma potencialidade inata para a forma da sua representação. Ou seja, há no humano uma estrutura psíquica que permite que certos conteúdos emergjam representados através de uma mesma estrutura arquetípica. O que é herdado, portanto, não são as ideias, mas a forma de representação das ideias, que se dá pelos arquétipos. Esses padrões arquetípicos influenciam nossa percepção e interpretação do mundo e moldam nossa experiência. Essas formas, ou estruturas, também correspondem aos nossos instintos e determinam nossa resposta aos estímulos do ambiente.

Os instintos são, na psicologia analítica, além de impulsos fisiológicos percebidos pelos nossos sentidos, “fatores impessoais, universalmente difundidos e hereditários, de caráter mobilizador” (Jung, 1959/2014, p.52) e frequentemente afastados da consciência. Formam uma rigorosa analogia com os arquétipos, uma vez que as suas manifestações, que se dão através de imagens simbólicas na nossa fantasia criativa, são os próprios arquétipos (Jung, 1964/2021). Assim, os arquétipos acabam por representar o comportamento instintivo.

Segundo Jung (1959/2014), uma imagem primordial só pode ser determinada em termos de seu conteúdo quando se torna consciente e é preenchida com material da experiência consciente. Isso ocorre porque tudo o que vem do inconsciente para o consciente é uma representação. Daí a necessidade, que Jung ressaltou diversas vezes em sua obra, em especial em seu ensaio *O Espírito da Psicologia*, de 1946, de saber diferenciar o arquétipo “em si”, potencial, do arquétipo perceptível, “representado” (Jacobi, 1957/2016). O arquétipo "em si" é o que repousa no inconsciente coletivo e, portanto, não pertence à psique individual do indivíduo. Já o arquétipo perceptível é aquele que é representado pela consciência do indivíduo, preenchido com materiais individuais de sua experiência e tornado, assim, imagem. Considerando-se, então, a potencialidade inerente ao arquétipo, é possível dizer que o mesmo é um poder vir a ser e, uma vez que toma forma na consciência, já não é mais o que era antes, então mera possibilidade facilitada pela estrutura.

Hoje muitas vezes usado de forma conceitualmente inadequada, a ideia de arquétipo realmente não tem uma definição fechada, até porque os conteúdos manifestos se reinventam sempre (Jacobi, 1957/2016), assim como o modo de viver em sociedade. No entanto, é compreensível o uso cotidiano do termo para referir-se a padrões que são associados a certos modos de estar no mundo. Sua própria etimologia contém essa ideia: “arque” significa origem, causa, e “tipo” significa protótipo, forma, imagem (Jacobi, 1957/2016). Quando pensamos em arquétipos, sem aprofundar no estudo do conceito, provavelmente vem à mente da maioria das pessoas um conjunto de características clássicas que todos reconhecem de alguma maneira. Isso porque confundimos o padrão estrutural dos arquétipos com os conteúdos a partir dos quais eles se manifestam e que, às vezes, se repetem. E repetem-se porque é no ato de ser humano que desenvolvemos nosso mundo simbólico e nosso imaginário, tanto individual quanto coletivo. É também por essa repetição que surgem muitos dos enganos acerca dessa teoria.

De acordo com Jung, o arquétipo é uma possibilidade latente presente na estrutura psíquica do indivíduo, que pode ser atualizada de diferentes maneiras conforme a vida exterior e interior de cada um (Jacobi, 1957/2016). Essa atualização ocorre sob a forma de

imagens ou padrões que são produzidos quando determinadas condições internas e externas se manifestam. Embora possam ser identificados traços básicos que se repetem na recorrência dos arquétipos, cada manifestação é única e depende de fatores individuais e históricos (Jacobi, 1957/2016).

Dessa forma, é possível afirmar que o arquétipo não é uma representação fixa e imutável, mas sim uma possibilidade de manifestação - dada por imagens, símbolos e pensamentos - que pode ser atualizada e diferenciada de maneira incomensurável, considerando a influência da cultura conforme a passagem do tempo na humanidade. Nesse sentido, é importante compreender que a recorrência dos arquétipos não implica em uma identidade total entre eles, mas sim em uma semelhança que se manifesta através de traços básicos. Por isso, a interpretação dos arquétipos requer uma constante renovação e atualização.

3. Simbolismo

A psicologia analítica de Jung é uma teoria que explora a estrutura e o funcionamento da mente, bem como os processos psicológicos que influenciam o modo humano de estar no mundo. Dentro dessa área de interesse, o simbolismo, como “o conjunto dos processos de representação que aparecem na consciência remetendo a conteúdos ou eventos distantes desta e, portanto, inconscientes” (Simbolismo, 2022), é um conceito importante que ajuda a entender como o indivíduo constrói sua subjetividade, como elabora suas experiências internas, e como isso influencia suas vivências e relações interpessoais. Além disso, é um conceito fundamental para compreender os arquétipos.

A psique humana possui a capacidade intrínseca de criar e interpretar símbolos, sendo que a base deles é uma forma arquetípica dada pelo inconsciente¹, e a imagem manifesta vem a partir de ideias que o consciente adquiriu. Ou seja, qualquer representação arquetípica com a qual temos contato, só o é por causa dos símbolos, que são considerados essência e imagem da energia psíquica (Jacobi, 1957/2016). Jung (1964/2021) explica que, por mais que o símbolo possa remeter a elementos que nos são familiares no cotidiano, ele implica em algo além do seu significado evidente, algo vago, desconhecido ou oculto para nós.

Há uma diferença investigativa entre o que Jung considera um símbolo morto e um símbolo vivo; para explicar isso, ele faz uma diferenciação de signo e símbolo. Enquanto um signo pode ser considerado um símbolo morto, pois que indica algo já conhecido, um símbolo vivo “é a expressão de uma coisa que não poderia ser caracterizada de melhor forma” (Jacob, 1964/2021, p. 103), já que foge dos limites objetivos da consciência. No *Dicionário Junguiano* (2022), o verbete “Símbolo” traz:

Não é casual que, ainda no texto de 1921, Jung aproxime de modo indireto o ‘símbolo vivo’ à gravidez de uma mulher. A mulher, enquanto se encontra nessa condição, remete a algo ainda não presente e cognoscível mas, ao dar à luz ao filho, de um lado leva a termo e, portanto, à definição aquilo que antes, talvez, já existia em potência, mas ainda de forma incompleta, e de outro cessa a tarefa de ocultá-lo à percepção.

A psicologia analítica de C. G. Jung tem nos símbolos uma forte base. De acordo com Jacobi (1957/2016), estudiosa de Jung, o ser humano tem uma necessidade natural de compreender o mundo de maneira simbólica, além da percepção sensorial concreta e realista. Esse tipo de compreensão é uma aspiração espontânea que enriquece a vida humana com outra dimensão, a esfera do espiritual², e é a raiz da criatividade. Essa força simbólica não é

¹ O arquétipo *per se* é sempre um símbolo potencial

² Segundo Brigitte Dorst, na introdução de *Espiritualidade e Transcendência* (Jung, 2015), a religiosidade, termo mais usado na época que “espiritualidade”, é outro tema basilar na obra junguiana, uma vez que a experiência

alimentada por sublimações, mas pela força dos arquétipos, que operam no fundo da psique. Logo, é essa energia arquetípica que move nosso simbolismo, nos conectando com o espiritual e permitindo tanto a tradução do físico para o psíquico quanto a conversão do processo psíquico em imagem, pois “o arquétipo não provém de fatos físicos, mas descreve como a alma experimenta o fato físico” (Jung *apud* Jacobi, 1957/2016, p. 61).

Considerando a relação primordial do simbolismo com o arquétipo, e reiterando a qualidade pré-formativa do psíquico, Jung (1959/2014) escreve:

cada uma de suas funções também o é, especialmente as que derivam diretamente das disposições inconscientes. A estas pertence a fantasia criativa. Nos produtos da fantasia tornam-se visíveis as “imagens primordiais” e é aqui que o conceito de arquétipo encontra sua aplicação específica (p. 86).

Isso significa que as imagens primordiais, ou arquétipos, são expressas na fantasia e podem ser acessadas através dela. Portanto, a fantasia criativa se mostra um meio importante para compreender a mente humana e seus processos psicológicos, já que é uma manifestação dos nossos instintos que se faz presente através da rica simbologia das imagens arquetípicas.

A importância dos arquétipos para a vida humana se dá, também, no equilíbrio entre os opostos, ou melhor, na união dos opostos, que Jung chamou de “sizígia”. Uma força de tal magnitude, que carrega energias ancestrais e provém do inconsciente, é o contrapeso da consciência fixada ao pensamento racional do ego. Para o racional fazer sentido, o irracional é necessário, assim como para a vida existir, é preciso a morte. Sendo essa a lógica da natureza, manter-se consciente da existência do mundo dos arquétipos, mesmo que não se o entenda, é tarefa essencial para o homem, “pois nele o homem ainda é natureza e está conectado a suas raízes” (Jung, 1959/2014, p. 99).

religiosa é considerada um fenômeno psíquico por Jung. No *Dicionário Junguiano* (2022) encontramos a definição de religião/religiosidade como atitude de crer. Esse pensamento de algo além deste mundo “é religioso exatamente porque se refere a algo que se experimenta enquanto desestabiliza a vida consciente”. No decorrer da teoria analítica, entende-se que a função transcendente é uma forma de desestabilização da vida consciente, uma vez que seria a transposição da fronteira entre consciente e inconsciente, a união desses opostos complementares.

4. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo

Só é possível entender o conceito de inconsciente coletivo através do conceito de arquétipo e vice-versa. Em *Psicologia do Inconsciente* (Jung, 1916/2013), Jung traz a ideia de que os arquétipos permitem a distinção e a caracterização de duas camadas do inconsciente. Uma seria o inconsciente pessoal e a outra, o inconsciente supra-pessoal ou coletivo, que é também impessoal, pois seus conteúdos são universais. Ainda sobre a diferenciação dos inconscientes, ele adiciona, em uma nota de rodapé do mesmo livro, que “o inconsciente coletivo representa a parte objetiva do psiquismo; o inconsciente pessoal, a parte subjetiva” (p. 91, n. 4), isso porque o inconsciente pessoal é recheado de experiências muito particulares de cada indivíduo, como traumas e toda sorte de conteúdos recalçados.

O inconsciente coletivo, pelo contrário, possui um alcance e conexão mais direto com todos os seres humanos. Não à toa, em diversas culturas e épocas, rituais que surgem espontaneamente e que são realizados a partir de rica simbologia arquetípica, sejam relacionados a instituições ou não, tocam multidões. Costumes tão antigos, presentes no homem desde o princípio da humanidade, como os ritos de iniciação ou sagração do homem, que correspondem à aspiração de elevação espiritual, ou os ritos que marcam a passagem da criança para a vida adulta, acabam se tornando uma espécie de mecanismo instintivo, já que se reinventam sem nenhuma exigência externa, pois são hábitos que estão soterrados no inconsciente, em forma de imagem primordial (Jung, 1916/2013). Destarte, Jung observou que tais similaridades formais dos ritos não poderiam ser acasos; pelo contrário, indicavam a presença de uma formação psíquica inata, a qual ele denominou arquétipo.

Disso, temos duas observações principais: o inconsciente coletivo tem vida própria, e é a essa esfera que o arquétipo “em si” pertence, uma vez que é a esfera objetiva do inconsciente. A partir do momento que o arquétipo passa pelo inconsciente pessoal, subjetivo, ele adquire outros contornos, como já dito. Jacobi (1957/2016) recupera uma boa definição que Jung deu para o termo em seu escrito *Seelenprobleme*:

O inconsciente coletivo, como totalidade de todos os arquétipos, é o depósito de toda experiência humana, remontando aos seus primórdios mais obscuros, não um depósito morto – como se fosse um campo de ruínas abandonado –, mas sistemas vivos de reação e prontidão que, por caminhos invisíveis e por isso tanto mais eficazes, determinam a vida individual (p. 48).

A referida experiência humana é a experiência psíquica da humanidade. E a característica de guardião dessas experiências diz mais sobre a forma que seus conteúdos, já que é a forma que tem a característica de ser universal e hereditária, sendo apenas seus

conteúdos atualizados a nível pessoal, de forma autônoma. Por isso a impessoalidade do inconsciente coletivo, exposta por Jung. Jacobi (1957/2016) deixa claro que seus conteúdos só adquirem valor e posição na confrontação com a consciência. Devido a isso, só é possível ter um conhecimento indireto da essência e atividade do inconsciente coletivo, uma vez que nosso encontro com os arquétipos se dá pelas suas manifestações na psique. Assim ocorre com qualquer conteúdo inconsciente que passa para a consciência. É importante acrescentar que esse conhecimento nunca é direto e terminado, uma vez que é "impossível conhecer a natureza das disposições psíquicas inconscientes" (Jung, 1959/2014, p. 85) e, por isso, também é impossível explicar completamente um arquétipo. A possibilidade dessas movimentações de conteúdos inconscientes em direção à consciência é justamente o que reforça o reconhecimento da existência de uma vida psíquica complexa, com diferentes níveis de acessibilidade (Jung, 1959/2014).

Experiências humanas universais que persistem no ciclo da vida desde seus primórdios e insistem em deixar sua marca em uma instância psíquica ampla, que conhecemos a partir da experiência e da intuição, e que nos influencia e nos rege, quase que dando "dicas" da arte do viver: essa é a base dos conceitos até aqui expostos de arquétipo e de inconsciente coletivo, que podem se manifestar de muitas maneiras. O inconsciente coletivo é recheado de arquétipos, e esses podem se manifestar através dos ritos, da mitologia e dos sonhos, por exemplo. O inconsciente pessoal, por outro lado, é povoado pelos chamados complexos afetivos que podem manifestar, através deles, um núcleo arquetípico provindo do inconsciente coletivo (Jacobi, 1957/2016).

Para a psicologia analítica de Jung, os complexos fazem parte da estrutura da psique, podendo ou não se tornar patológicos. Esses complexos podem ser descritos como pontos nodais de alta carga energética na estrutura da psique, nos quais se acumulam conteúdos, formando uma psique parcial autônoma que se contrapõe ao ego. Quando a esses pontos nodais se juntam conteúdos inconscientes recalçados, não aceitáveis pelo ego consciente, ocorre uma perturbação da consciência (Jacobi, 1957/2016). Dito de outra forma, esse desequilíbrio ocorre quando, por motivos de história pessoal, a pessoa é mobilizada de tal forma por um arquétipo que ele acaba existindo de maneira independente e então invadindo e atrapalhando o equilíbrio psíquico. Assim, os complexos atravessam todas as instâncias psíquicas descritas por Jung, mesmo que a pessoa não saiba de sua existência. Isso porque o complexo surge do inconsciente pessoal, mas existe em torno de um arquétipo que provém do inconsciente coletivo. No decorrer de sua obra, o autor desenvolverá mais sobre os complexos para explicar os arquétipos.

Assim como os arquétipos, os complexos também fazem parte da estrutura psíquica inconsciente dos indivíduos, mas enquanto os primeiros provêm do inconsciente coletivo, os complexos permeiam o inconsciente pessoal (Jung, 1959/2014). A princípio, Jung definiu os complexos como grupos de representações acentuados por sentimentos/afetos e capazes de perturbar o curso psíquico normal (Jung, 1959/2014). Ou seja, esses aglomerados de conteúdos de forte carga psíquica, provindos do inconsciente pessoal, são capazes de interferir nos processos conscientes de pensamento, acabando por afetar também o modo de estar no mundo. Esses complexos têm autonomia e podem se originar tanto da disposição pessoal do indivíduo quanto por fatores externos, ambientais. Jacobi (1957/2016) completa informando que “proporcionalmente à sua distância da consciência, os complexos no inconsciente mantêm, pelo enriquecimento de seu conteúdo, um caráter arcaico-mitológico e, assim, uma numinosidade³ crescente” (p. 21). Eles, no entanto, podem ser assimilados pelo consciente e, assim, perder seu caráter compulsório e incontrolável - esse seria um processo fundamental a ser buscado na terapia. Assim, quando Jung (1959/2014) afirmou que “um complexo só é realmente superado quando a vida o esgota até o fim. Aquilo que afastamos de nós devido ao complexo, deveremos tragá-lo junto com a borra, se quisermos desvencilhar-nos dele” (p. 104), o autor reafirmou que é através dessa relação do complexo inconsciente com a consciência, na integração dos seus conteúdos, que se cria espaço para uma solução e se chega mais perto de um equilíbrio de energia psíquica.

³ Numinoso, segundo o Dicionário Junguiano (2022), indica o caráter com que uma coisa, cujo sentido é ignorado ou ainda não conhecido, se transforma em força que fascina a consciência do sujeito.

5. O Arquétipo Materno e seus Complexos

Como já foi dito, os arquétipos podem se manifestar de inúmeras maneiras, mas sempre carregam características que permitem sua identificação, algumas mais objetivas, outras nem tanto, algumas mais positivas, outras negativas. Para explorar ainda mais o conceito de arquétipo na psicologia analítica de C.G. Jung, o estudo do arquétipo materno se mostra interessante por todo o simbolismo de criação, destruição e a potência do renascimento e da transformação que carrega, como um ciclo infinito que se repete⁴. Sendo a psique o principal objeto de estudo da psicologia analítica, há que se considerar o contexto e as influências arquetípicas que atuam no desenvolvimento da mesma, seja através do inconsciente pessoal ou do coletivo. Além disso, o arquétipo materno é um grande pano de fundo sobre o qual se desenrolam nosso crescimento e relações desde a mais tenra infância.

A partir de uma perspectiva junguiana, é interessante pensar que a relação do inconsciente materno com o ego e a consciência da criança não são sistemas separados um do outro, mas determinados por este laço indissolúvel entre mãe e filho, que recria a situação original do retentor e do retido. Assim se inicia a relação do arquétipo feminino com a criança (Neumann, 1955/2015):

A portadora do arquétipo é, em primeiro lugar, a mãe pessoal porque a criança vive inicialmente num estado de participação exclusiva, isto é, numa identificação inconsciente com ela. A mãe não é apenas a condição prévia física, mas também psíquica da criança. Com o despertar da consciência do eu, a participação é progressivamente desfeita, e a consciência começa a tornar-se sua própria condição prévia, entrando em oposição ao inconsciente. A partir disto o eu começa a diferenciar-se da mãe e sua particularidade pessoal vai-se tornando cada vez mais distinta. Assim, todas as qualidades fabulosas e misteriosas desprendem-se da imagem materna, transferindo-se à possibilidade mais próxima, por exemplo, à avó (Jung, 1929/2014, p. 107).

Ao tratarmos de arquétipo materno, é indissociável falar também em arquétipo feminino. Para tal, retomamos o arquétipo do Ouroboros, que possui características muito semelhantes ao arquétipo materno, mas que dele se diferencia por um fator fundamental: esse arquétipo da cobra que morde seu próprio rabo é símbolo do estado psíquico original, no qual a consciência e o ego do homem não eram desenvolvidos e, portanto, a maior parte da psique era inconsciente (Neumann, 1955/2015, tradução da autora). Conhecido também como “A Grande Roda”, o Ouroboros é símbolo da origem e dos opostos contidos nele (Neumann, 1955/2015, tradução da autora). Aqui, os extremos se aproximam: a cabeça engole o próprio

⁴ O Ouroboros é outro arquétipo que carrega tais características de ciclicidade e renascimento.

rabo. Assim, feminino e masculino, positivo e negativo, consciência e inconsciente estão, nele, amalgamados. É a partir desse arquétipo, que carrega o simbolismo da totalidade, que se torna possível identificar o arquétipo feminino, do qual deriva o arquétipo materno da Grande Mãe.

Neumann (1955/2015, tradução da autora) trabalha o Feminino a partir de duas características fundamentais: um atributo designado como elementar, e outro transformativo. Em ambos, é notável algo de maternal. Do primeiro atributo, é a tendência, assim como no Ouroboros, de agarrar rapidamente tudo que floresce de si e cercar isso como uma substância interna. Tudo que é nascido dela, a ela pertence e dela permanece sujeito. Há, nesse atributo, algo de conservador, que quer manter as coisas no mesmo estado de existência. A outra característica do feminino é transformativa, que destaca, ao contrário, o elemento dinâmico da psique: movimento, mudança e transformação. Só assim é possível crescer. Essas características são ambivalentes, mas não antitéticas, combinando-se entre si de inúmeras maneiras. Por mais incoerente que pareça, mesmo quando a transformação ocorre, o caráter conservativo curva tudo o que muda de volta à sua eterna mesmice.

Essa força do caráter elementar é também responsável por explicar a associação da qualidade “feminino” ao inconsciente (Neumann, 1955/2015, tradução da autora). É observável, na relação entre ego e inconsciente, uma “gravitação psíquica”, a tendência do ego de retornar ao seu estado original inconsciente, seguindo o mesmo princípio da atração gravitacional de corpos que têm mais massa.

Algumas qualidades do arquétipo materno são: o maternal, a sabedoria para além da razão (quase instintiva), o cuidador, o que nutre (alimento), o que possibilita o crescimento, a fertilidade, o renascimento, o secreto, o mistério, o mundo dos mortos, o devorador, o fatal, o sedutor, o venenoso. E algumas das formas com que esse arquétipo pode se manifestar são: a Lua, as águas, o mundo subterrâneo, a mãe de Deus, a Virgem, a meta da nostalgia da salvação (Paraíso, Reino de Deus, Jerusalém Celeste), a Igreja, a fonte, a flor como recipiente (lótus), qualquer recipiente oco, a vaca, o coelho, a bruxa, a serpente, o caldeirão, além da própria mãe, que pode ser também sogra, filha, avó, madrasta, amas de leite (Jung, 1959/2014). Reforçamos que esses atributos e imagens arquetípicas não se limitam a esses exemplos, e podem sempre serem vistos pelo aspecto belo ou nefasto, a depender da situação e da experiência pessoal de cada um.

Fica nítido também o aspecto divino tão ligado a esse arquétipo, e de forma geral os arquétipos como um todo possuem uma relação íntima com o divino, através das religiões. De fato, Jung (1959/2014) afirma que o arquétipo “pertence aos mais supremos valores da alma

humana, tendo por isso povoado os Olimpos de todas as religiões” (p. 90). A oração “Ave Maria” é um bom exemplo para se observar como o arquétipo materno aparece no âmbito da religião que adentra o cotidiano dos devotos, e mesmo dos que não acreditam, mas foram criados em uma cultura cristã: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém”. A mulher mãe, de aspecto divino, gracioso, a que dá à luz e também a que vela na hora da morte, a que perdoa a tudo e a todos, a que roga, a que acolhe.

Em contraposição à psicanálise freudiana, que enxerga na mãe pessoal um papel determinante na construção da psique infantil, Jung atribui à mesma um papel mais limitado, mostrando que o arquétipo que lhe é projetado tem mais influência para lhe conferir autoridade e numinosidade do que somente a mãe em si. Dessa forma, as sequelas traumáticas na vida dos filhos podem surgir tanto de experiências diretamente vivenciadas com a mãe quanto da projeção fantasiosa da criança (Jung, 1959/2014).

Como já foi comentado, os complexos podem surgir a partir de um atravessamento pessoal intenso de um arquétipo na vida de alguém, perturbando seu psiquismo. Tendo como base o arquétipo materno, os diversos tipos de complexo materno nos filhos são explorados por Jung (1959/2014), diferenciando, primeiro, os complexos do filho homem e da filha mulher. Segundo ele, os complexos no filho homem não são puros, pois o arquétipo da *anima*⁵ está presente, se misturando com a imagem da mãe. Também nos filhos, os complexos maternos causam uma sexualização anormal no instinto masculino. No caso da filha, o complexo é mais puro, mas nem por isso menos ou mais importante, e pode causar exacerbação ou inibição excessivas do instinto feminino.

É interessante reparar que diversos arquétipos e possibilidades de complexo são encontrados nos mitos antigos. O arquétipo materno, por exemplo, se faz presente no mito grego de Réia (Cibeles)⁶ e no mito de Deméter (Ceres) e Perséfone (Proserpina), reafirmando a influência e a importância dos arquétipos na nossa vida psíquica. Réia é reverenciada como Grande Mãe, simbolizando a energia escondida no seio da terra e fonte primordial de toda fecundidade. Foi fecundada por Cronos, deus do tempo, e gestou os deuses dos quatro elementos (Brandão, 1986), entre eles Deméter, deusa da agricultura e mãe de Perséfone, que revira os mundos atrás de sua filha raptada, criando, assim, as estações do ano. Os mitos

⁵ *Anima* corresponde à parte feminina dentro da psique masculina, sendo uma ligação ao *Eros*, o princípio da psique feminina. Já *animus* corresponde à parte masculina dentro da psique feminina, sendo uma ligação ao *Logos*, o princípio da psique masculina.

⁶ Entre parêntesis, o nome romano

também reforçam que os diversos complexos que serão apresentados possuem seus aspectos positivo e negativo.

Retomando a influência do complexo materno no filho, o mesmo pode resultar em homossexualidade, no qual o componente heterossexual fica preso à figura da mãe inconscientemente, ou em “dom-juanismo”, no qual a mãe é procurada inconscientemente em cada mulher (Jung, 1959/2014). A relação mãe e filho traz um componente de sexualidade, pois sendo a mãe a primeira mulher que o filho, um futuro homem, tem contato, ela acaba aludindo à masculinidade do filho de alguma forma, de modo que o funcionamento do filho em relação à identidade ou resistência à diferenciação se dá na forma de atração ou repulsão eróticas (Jung, 1959/2014).

Já no caso da filha mulher, o complexo materno pode desencadear a hipertrofia dos instintos femininos e, conseqüentemente, do aspecto maternal, o que acaba gerando uma inconsciência da personalidade da filha por ela mesma, já que ela vive para e pelos outros e tem como propósito máximo se tornar mãe. Também é possível ocorrer a atrofia dos instintos femininos, que acontece a partir de uma identificação com a mãe, isto é, quando a filha projeta seus próprios instintos e desejos na mãe, dependendo da mesma para realizar os seus próprios desejos. Já a defesa contra a mãe causa uma atitude de negação à supremacia da mãe e é um exemplo típico de complexo materno negativo, pois isso passa a ser o objetivo da vida dessa mulher, ao invés de viver a própria vida (Jung, 1959/2014).

Em suma, cada indivíduo carrega uma disposição arquetípica única, o que também é válido para os complexos. Jacobi (1957/2016) aponta que os complexos não são sempre prejudiciais ou perturbadores do equilíbrio psíquico, mas que, a depender de como a consciência lida com eles, compreendendo, assimilando e integrando seus conteúdos, seu papel na vida do indivíduo muda.

6. O mito de Deméter e Perséfone

Já foi dito que os mitos são uma das formas de expressão arquetípica que provêm do inconsciente coletivo, ou seja, expressões simbólicas do inconsciente. Ao contrário dos sonhos, que expressam o que se passa em um indivíduo, os mitos dizem respeito à sociedade e à cultura (Johnson, 1987/1991). Sem datas e informações precisas sobre como e quando surgiram, os mitos seguem influenciando nossas vidas até hoje, apesar da negação de muitos, que os consideram como algo primitivo e/ou da ordem do falso, do inventado. Johnson (1987/1991) explica bem ao dizer que um mito é verdadeiro não no sentido exterior, físico, mas como expressão certa da condição interior da psique. É algo verdadeiro por dentro, mas não por fora. Assim também é possível diferenciar signo de símbolo, já que o primeiro é uma manifestação concreta de algo, enquanto o último é uma imagem sensível de algo ainda desconhecido, sem explicação lógica (Jacobi, 1957/2016).

Para exemplificar e aumentar o estudo do arquétipo materno, trabalharemos com o mito grego de Deméter e Perséfone, a partir dos volumes 1 e 2 da obra *Mitologia Grega*, escritos por Junito de Souza Brandão. Deméter pertence à segunda geração divina, sendo filha de Cronos (Saturno), deus do tempo, e Réia (Cibeles). É irmã de Héstitia (Vesta), Hera (Juno), Hades (Plutão), Poseidon (Netuno) e Zeus (Júpiter). Deméter é a deusa e mãe da terra cultivada, cultuada como deusa dos grãos (em especial o de trigo), da agricultura, da fertilidade dos solos, a terra-mãe, o grão da vida (Brandão, 1986). Se é grão, é também o início de tudo, é transformação, como o grão que vira planta ou o trigo que vira pão, e pode também ser fim, como a planta que produz novos grãos, e assim por diante. Deméter é, além disso tudo, mãe de Core/Perséfone. Essa informação é fundamental, como coloca Brandão (1986) ao esclarecer que “tanto no mito quanto no culto, Deméter está indissolúvelmente ligada à sua filha Core, depois Perséfone, formando uma dupla quase sempre denominada simplesmente *As Deusas*” (p. 290).

Da união de Deméter com Zeus, seu irmão - deus do luminoso céu, do Olimpo - nasce Core. A jovem filha dos dois é raptada pelo tio Hades, que a desejava, com a ajuda do próprio pai, que lhe atrai com uma flor até um penhasco, donde a terra se abre para o mundo ctônico onde reinava Hades, o terrível. O mito gira em torno do rapto de Core/Perséfone e todo o sofrimento de Deméter é contado no Hino Homérico a Deméter, texto sem autoria conhecida, que data de cerca do século VII a.C. Assim que Core desce ao submundo e se torna esposa de Hades, passa a ser Perséfone, não mais uma jovem inocente. Sem saber o que aconteceu, Deméter passa então a procurar exaustivamente a filha, privando-se, no que poderíamos

considerar como um comportamento autodestrutivo, de alimento e água. Quando descobre sobre o rapto, Deméter abdica do Olimpo e permanece na terra até que lhe devolvessem a filha.

Nesse meio tempo, Deméter, se fingindo de velha, acaba entrando em contato com a família do rei Céleo. Requisitada para cuidar do filho menor dos monarcas, Deméter começa a fazer rituais para torná-lo imortal. Isso é lido como uma possível vontade de ter outro filho ou como uma provocação para os deuses do Olimpo, já que ela tentava trazer características divinas a um humano. Um dia, Metanira, a mãe de Demofonte, o caçula, flagra o ritual e, assustada, começa a gritar, obrigando Deméter a interromper o rito. Nesse momento, ela se revela deusa e, raivosa com a ignorância dos homens, manda erguer um templo em sua homenagem, onde ela própria ensinaria aos mortais seus mistérios.

Após a construção do templo, Deméter se recolhe nele e, tomada pela tristeza ante a distância da filha, começa a secar a terra. Sem vegetação, a humanidade entra em risco e Zeus pede interferência da deusa. Ela recusa-se, a menos que lhe devolvam sua filha. Zeus, então, requer que Hades liberte Perséfone, ao que ele concede. No entanto, antes que Perséfone pudesse subir ao reino dos vivos, seu marido lhe obriga a comer uma romã, o que quebra o jejum imposto naquela terra e a prende, para sempre, ao marido. Zeus decide que Perséfone, então, poderá ficar oito meses com sua mãe e os quatro restantes com Hades. O retorno de Perséfone marca também o retorno do verde que cobria a terra. Com o reencontro das duas deusas, Deméter retoma seu lugar no Olimpo e passa, então, a transmitir seus misteriosos ritos aos humanos, no que ficou conhecido como a instituição dos Mistérios de Elêusis.

Esse mito permite a reflexão sobre a grande influência do arquétipo materno na vida humana desde tempos remotos, tendo seu sentido indissociável à relação mãe (Deméter) e filha (Core/Perséfone). O arquétipo materno inevitavelmente possui seu sentido atrelado a esse tipo de relação, considerando que há sempre um fruto, uma cria, algo que provém dessa mãe, física ou simbolicamente, algo a ser zelado e cultivado, assim como Deméter passou aos homens o conhecimento sobre o trigo, desde o grão até virar pão. São nesses processos ambivalentes que se mostram as características conservativas e transformativas do feminino, uma por vezes mais presente que a outra, mas ambas sempre presentes, não anulando-se. Se Deméter é a mãe, a criadora, Perséfone faz as vezes de grão e sua descida é uma morte simbólica, como um grão que “morre” na terra para se transformar em uma nova planta. Se Deméter é filha de Cronos, senhor do tempo, ela sabe o momento certo de maturação de cada coisa, é ela quem estabelece, a partir dessa história, as estações do ano.

Deméter, assim como toda mulher que vira mãe, encarna o processo inteiro de uma vida. Nascimento, transformação e morte. É a mãe (a deusa) quem gera a semente, o grão da vida. Também é ela que permite a esse grão se transformar em planta, a partir da nutrição, ou que permite que o trigo vire farinha e, depois, pão. Esse processo de virar mãe é, também, uma espécie de morte, já que a mulher abdica de sua vida anterior para dedicar-se integralmente a outro ser. Deméter abdicou de sua posição e quase fez morrer a Terra com o objetivo de achar sua filha. O pão que foi feito, é comido. E Core morre para virar Perséfone. E é apenas quando as duas se reencontram, ambas mudadas, mortas e renascidas simbolicamente, que os Mistérios são iniciados. De todas as transformações pelas quais as duas passaram, a força materna, que puxa para perto tudo que dela sai, na tentativa de conservar um mesmo estado das coisas, age para que as duas se reencontrem e tudo volte a ser como era, mesmo diante da impossibilidade real de isso acontecer.

7. Considerações Finais

Baseado no estudo da teoria dos arquétipos de C.G.Jung, em especial do arquétipo materno, este trabalho se apresenta como mais uma vírgula nessa história que não para de ser escrita. Ao trazer um mito, que é uma expressão clássica dos arquétipos formados no nosso inconsciente coletivo, tentamos fazer uma aproximação simbólica do que conscientemente tomamos por “materno” com nosso inconsciente, que se movimenta, dentre outros, pelo arquétipo feminino que, vale reiterar, todos manifestam. É a partir do feminino que o arquétipo materno se mostra, sendo ambos indissociáveis, já que diversas qualidades “maternais” são intrínsecas ao feminino. Para uma compreensão ainda mais abrangente, o estudo do arquétipo masculino, sem dúvida, há de ser interessante e enriquecedor para o tema.

A partir do mito de Deméter e Perséfone apresentado, foi possível trabalhar com as ambivalências do arquétipo materno, tais como os extremos nascimento-morte, os aspectos transformativo-conservativo, além de observar a potência geradora que o símbolo maternal carrega. Para além disso, a relação mãe-filha, criadora-criação também se coloca como fundamental no entendimento desse arquétipo, que se faz tanto mais complexo conforme se entende a amplitude do mesmo, que não está restrito à maternidade real. O mito, aqui, pode ser visto como uma analogia à capacidade humana de gestar, transformar e até mesmo matar com um objetivo que só se faz por meio de uma relação com o que criamos. Talvez seja ousado, mas muito interessante, poder olhar para a humanidade como portadora, também, das características divinas do Olimpo.

Assim como os arquétipos, a pesquisa sobre esse assunto pede revisão constante, uma vez que nossa subjetividade se transforma com o decorrer do tempo. De maneira limitada, este estudo pode contribuir para desmistificar (por mais irônico que pareça o uso desse termo aqui) o conceito de arquétipo, que parece ter sido sintetizado pelo mercado de maneira a perder a riqueza de seu simbolismo e suas infinitas potências. Ademais, a investigação do arquétipo materno pode enriquecer discussões nos mais variados aspectos de nossas vidas, quando entendemos que seu simbolismo vai para muito além do que entendemos por “mãe”. O estudo desse tema também pode servir à prática clínica, na qual é possível observar, através das palavras, de que forma os arquétipos se manifestam a partir de cada história individual. Que o conhecimento seja sempre a favor de instigar novas perguntas e abrir novos horizontes. Nascer, crescer e morrer vale para tudo nessa vida, até para as nossas certezas.

Referências

- Bonfatti, P.; Carvalho Nogueira, C.C.; Almeida Telles, K.M; Campista Sousa, M.A. (2018). Acerca do conceito de arquétipo na psicologia analítica: breves considerações. *Analecta*, v. 4 (4), pp. 533 - 548.
- Brandão, J.S. (1986). *Mitologia grega, volume 1*. Petrópolis: Vozes.
- Brandão, J.S. (1986). *Mitologia grega, volume 2*. Petrópolis: Vozes.
- Jacobi, J. (2016). *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1957).
- Johnson, R. A. (1991). *We - A chave da psicologia do amor romântico*. São Paulo: Mercuryo. (Originalmente publicado em 1987).
- Jung, C. G. (2021). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Harper Collins. (Originalmente publicado em 1964).
- Jung, C.G. (2013). *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1916).
- Jung, C.G. (2014). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1959).
- Jung, C. G. (2015). *Espiritualidade e transcendência: seleção e edição de Brigitte Dorst*. São Paulo: Vozes. (Textos originalmente publicados entre 1875 e 1961).
- Neumann, E. (2015). *The great mother - an analysis of the archetype*. Princeton: Princeton University Press. (Originalmente publicado em 1955).
- Pieri, P. F. (2022). Simbolismo. Em *Dicionário Junguiano*. 1. ed. São Paulo: Vozes. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/>